



## **PRÁTICA AGROECOLÓGICA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL EM ÁREAS DE LUTA PELA TERRA NA REGIÃO CENTRO-SUL DO PARANÁ**

**JULIANA CRISTINA DE MELLO<sup>1</sup>, ROBERTO ANTÔNIO FINATTO<sup>2</sup>**

### **1. Introdução**

A Agroecologia tem como ponto de partida a experiência desenvolvida pelos camponeses e camponesas, arraigada em uma racionalidade ecológica. Pode ser considerada como um novo paradigma para o sistema agroalimentar, pois valoriza os territórios camponeses, produz alimento sem o uso de agrotóxicos, gera renda e democratiza o acesso aos alimentos. Ainda que parta da dimensão técnica de um agroecossistema, a Agroecologia também incorpora elementos sociais e culturais.

Para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Agroecologia é concebida como um processo de construção de outro sistema político e produtivo, em oposição ao agronegócio, compreendendo que na função social da terra também está incluída a necessidade de produzir alimentos saudáveis. Assim, não é suficiente dividir a terra, mas também viabilizar nela a produção de alimentos em sistemas agroecológicos.

Esta pesquisa aborda o caso da produção agroecológica do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, localizado nos municípios de Rio Bonito do Iguaçu e Nova Laranjeiras, no Centro-Sul do Paraná. O acampamento foi formado em julho de 2014 por mais de 1.500 famílias (CEZIMBRA et al., 2019) como resultado da ocupação de uma área que está sob domínio da empresa Araupel S. A. e passou por distintas temporalidades marcadas por mudanças na sua configuração territorial. Inicialmente, todas as famílias acampadas estavam agrupadas em um mesmo espaço; posteriormente, elas foram distribuídas em mais cinco pontos na área ocupada — Herdeiros II (Alojamento), Herdeiros III (Lambari), Herdeiros IV (Guajuvira), Ponte e Eucalipto — além daquele inicialmente criado, denominado de Herdeiros I; por último, a partir de julho de 2018, as famílias foram distribuídas em unidades produtivas

1 Acadêmica do curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Laranjeiras do Sul. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação Araucária.

2 Doutor em Geografia. Professor Adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Laranjeiras do Sul. Integra o Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Cooperação e Agroecologia (GECCA) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Região, Urbanização e Desenvolvimento (nerud).



individuais. A produção agroecológica foi desenvolvida desde o início da ocupação por diferentes grupos de produção orgânica e agroecológica que foram sendo reorganizados diante das transformações no território.

### **Objetivo**

Identificar e analisar as características e o potencial da Agroecologia para o desenvolvimento territorial da agricultura camponesa no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio.

### **Metodologia**

A pesquisa possui natureza qualitativa, seguindo os procedimentos de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir dos temas, como Agroecologia, campesinato e desenvolvimento territorial e de publicações sobre o acampamento. O trabalho de campo, ocorrido durante o primeiro semestre de 2019, contou com pesquisa participante e com a realização de sete entrevistas com os/as agricultores/as dos grupos de Agroecologia. Os dados coletados pela pesquisa participante estão presentes no conjunto do trabalho, tendo em vista a inserção da bolsista como acampada e integrante de um dos grupos de Agroecologia.

### **Resultados e Discussão**

Desenvolver estratégias de desenvolvimento territorial pressupõe a criação de condições, de ordem natural e social, capazes de atender aos interesses das pessoas que vivem em um determinado território. Esse processo deve ser marcado pela construção daquilo que Dematteis (2008, p. 35) define como “territorialidade ativa” e “que deriva das ações coletivas territorializadas e territorializantes dos sujeitos locais e objetiva a construção de estratégias de inclusão”. Assim, o desenvolvimento territorial, numa perspectiva que gera autonomia aos sujeitos, pressupõe o ajuste das técnicas e tecnologias aos diferentes contextos histórico-geográficos (SAQUET; SPOSITO, 2008). Portanto, a Agroecologia pode funcionar como articuladora do desenvolvimento territorial, já que “os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população” (LEFF, 2002, p. 37).



O debate sobre a Agroecologia no acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio surgiu impulsionado pelo MST, como conteúdo de formação de base das famílias acampadas. Um forte argumento utilizado para esse processo é o de que a Reforma Agrária também se justifica pelo sistema de produção empreendido. Portanto, é fundamental incentivar a Agroecologia nas áreas de assentamentos e acampamentos para reforçar a importância da Reforma Agrária como promotora da produção de alimentos saudáveis.

Assim, inicialmente, buscou-se envolver todas as famílias do acampamento em discussões e formações sobre o tema, mas, na sequência, optou-se por realizar um trabalho específico com aquelas que demonstraram afinidade com esse sistema de produção. Diante das condições precárias para a produção (como a falta de maquinário e de recursos para viabilizar o preparo do solo e a inexistência de políticas públicas), a pesquisa constatou que o desejo e o interesse individual dos sujeitos foi fundamental para a permanência na Agroecologia. Importante registrar que nos primeiros meses após a ocupação, todos os cultivos na área foram manejados sem o uso de agrotóxicos.

Posteriormente, com o início da utilização dos agrotóxicos e com a necessidade de certificação orgânica da área para fins de comercialização, criou-se uma área de produção orgânica de cerca de 22 hectares, por meio do Setor de Produção do acampamento. Quando, em 2015 e 2016, ocorreu o deslocamento dos Grupos de Base para outros pontos de ocupação do território, como já citado, formaram-se mais três áreas de produção orgânica.

Após a divisão da área ocupada em unidades produtivas individuais, em meados de 2018, os acampados consolidaram três grupos e áreas de produção orgânica e agroecológica com um total de cerca de 50 famílias participantes, são eles: Sementes da Resistência; Herdeiros da Terra Livre e o Grupo 17 de Julho de Produção Orgânica e Agroecológica. As famílias pertencentes aos três grupos ocuparam lotes próximos uns dos outros, de modo a garantir que a área tivesse as condições mínimas para o desenvolvimento da atividade, como a disponibilidade de água e a existência de barreiras com vegetação natural para impedir o contato com os insumos utilizados nas lavouras convencionais próximas.

O trabalho em torno da Agroecologia tem se baseado na auto-organização das famílias, sem significativos incentivos e assessoria externa. Entretanto, alguns atores, além



do MST, aparecem como fundamentais para viabilizar as iniciativas, como a Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus Laranjeiras do Sul* (UFFS) e o Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia (CEAGRO), para formação, e a Cooperativa Agroecológica Ireno Alves (COOPAIA), no âmbito da comercialização.

Apesar disso, existem muitas dificuldades para consolidar a produção. Estas dificuldades também estão relacionadas ao fato de que a área, mesmo após a distribuição das famílias nos lotes, não ter sido oficialmente destinada para a Reforma Agrária. As principais dificuldades apontadas são: reestabelecer o equilíbrio do solo (por se tratar de terra onde anteriormente havia plantio de pinus e eucalipto); falta de recursos para compra de insumos e para viabilizar o plantio (insumos orgânicos, sistema de irrigação, compra de maquinário e/ou pagamento de horas-máquina para o trabalho); dificuldades para efetivar a certificação das áreas e incertezas em relação à comercialização dos produtos.

### **Conclusão**

Diante do exposto, a Agroecologia somente funcionará como articuladora do desenvolvimento territorial na área estudada diante de um amplo processo de Reforma Agrária que possibilite acesso e permanência na terra com condições materiais para superar as dificuldades apontadas.

### **Referências**

- CEZIMBRA, E. N.; PASTÓRIO, I. T.; XAVIER, L. P. Jovens, lutas por terra e permanência no campo. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 27-45, jan. 2019.
- DEMATTEIS, G. Sistema Local territorial (SLOT): um instrumento para representar, ler e transformar o território. In: ALVES, A. F. et al. (Orgs.). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular. 2008. p.33-46.
- LEFF, H. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002.
- SAQUET, M. A.; SPOSITO, E; S. Território, territorialidade e desenvolvimento: diferentes perspectivas no nível internacional e no Brasil. In: ALVES, A. F. et al. (Org.). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p.15-31.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Desenvolvimento territorial; MST.

**Financiamento:** Fundação Araucária (Bolsa de Inclusão Social - Edital nº 494/GR/UFFS/2018). Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Chamada Universal MCTI/CNPq Nº 01/2016).